

TRADIÇÃO Local criado para abrigar estudantes carentes da Esalq é moradia hoje de 135 alunos

Casa do Estudante planeja festa dos 50 anos

M. Medeiros/JP



Para comemorar os 50 anos da CEU, uma solenidade foi marcada para 12 de outubro; evento vai reunir atuais e antigos moradores

Há meio século, a CEU (Casa do Estudante Universitário) Professor José Benedito de Camargo abriga os estudantes de baixa renda da Esalq (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz) que precisam de moradia na cidade. Fundado em setembro de 1962, o local tem condições para abrigar 172 alunos de ambos os sexos matriculados na graduação em 124 quartos. Para celebrar o cinquentenário, uma comissão organiza a festa dos 50 Anos da CEU, que será comemorada no feriado do dia 12 de outubro. A comemoração integra a programação da 55ª Semana Luiz de Queiroz.

A festividade será voltada aos estudantes e ex-alunos da Esalq. A sessão solene contará com a apresentação da Orquestra da Esalq, abertura oficial e depoimentos de dois antigos moradores. Atualmente, a CEU conta com 135 residentes. Cada um tem seu quarto, de acordo com a estudante de engenharia agrônoma, Ellen Camila Silva, 23. Este é quinto ano dela na universidade e como moradora da Casa. Devido à relevância da data, ela resolveu integrar a comissão CEU 50 anos. “Normalmente os aniversários são feitos a cada cinco anos. Desta vez, aguardamos a presença de muito mais gente para celebrar o aniversário, pois com certeza a CEU foi muito importante para a vida de



Ellen Silva estuda engenharia agrônoma na Esalq e mora há cinco anos na Casa do Estudante

todos que passaram por ela”, afirmou. Até o momento, estão inscritos 117 moradores, 110 ex-moradores, além de 80 acompanhantes.

“Já escutamos muitas histórias sobre o alojamento e seus moradores. Coisas de festas que aconteceram e também de um cavalo que foi colocado no 3º andar da Casa e precisou ser resgatado por bombeiros”, conta Ellen. Esta história é conhecida por José Amauri Dimarzio, 67, que presenciou o momento e relata com nostalgia a experiência. “Na época foi um show. Alguns alunos subiram com o cavalo e depois foi uma confusão para descer o animal”. Apesar do acontecimento, ele explica que os estudantes da CEU sempre foram considerados os mais “disciplinados”, se comparados aos das repúblicas. Segundo Dimarzio, especialmente na época em que viveu no alojamento, havia um sentimento de responsabilidade com os estudos, pois significava uma chance de melhorar as condições de vida da família. As “malandragens” eram feitas apenas “de vez em quando”.

História relata a presença de um cavalo no 3º andar

Dimarzio morou na CEU de 1963 a 1967, quando se formou engenheiro agrônomo. Na época, ele conta que viviam apenas homens na Casa do Estudante. “Eu morava em Campinas e não tinha condições de pagar uma república, por isso fui contemplado com um quarto. Era tudo novo, cama, colchão e escrivaninha”, explicou. O engenheiro ainda conta que os alunos da Casa faziam campeonatos de futebol, conseguiram uma televisão para assistir os grandes shows que eram transmitidos, chegaram a queimar livros para garantir a segurança de amigos durante a ditadura militar e acompanharam algumas manifestações na universidade.

LEMBRANÇAS — A saudade de casa e da família são as principais dificuldades dos estudantes. Mas eles afirmam que na CEU uma nova família é formada. Como explica Ellen, “o mais interessante é conviver com pessoas de personalidade e lugares diferentes”. Amizades são formadas e assim o aprendizado ultrapassa as paredes da sala de aula ou dos quartos. Também para o enge-

neheiro agrônomo Clayton Quirino Mendes, 33, foi importante a experiência da convivência com outros alunos. Foi o sentimento de retribuição, pela oportunidade de estudar longe de casa, já que sua família é de Minas Gerais, que despertou em Mendes a vontade de ajudar a administrar o local. Durante toda sua graduação, de 1999 a 2003, ele viveu na CEU, fez parte da diretoria que administra a Casa e também foi presidente por três anos.

“A gente aprende a respeitar a diversidade e a tomar decisões em grupo. Tudo isto contribui para o futuro profissional de cada um”, ressalta Mendes, que atualmente é professor da faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária da Universidade de Brasília. Ele ainda conta que durante a época em que morou na CEU foram feitas grandes festas, que além de contribuir com a manutenção do alojamento, ainda contribuíram com diversas entidades assistenciais do município, além do Hemonúcleo. “Trabalhamos a imagem da Casa junto à comunidade piracicabana e com tudo isso, nossa diretoria incentivou o espírito coletivo e principalmente a gratidão por ter a oportunidade de ser um morador da CEU e viver nela durante cinco anos importantes de nossa vida”, destacou.